

# OS DISCURSOS DE ROBBE-GRILLET<sup>1</sup>

Atilio Butturi Junior<sup>2</sup>  
Andréa Correa Paraiso Müller<sup>3</sup>

---

**Resumo:** Este trabalho pretende, partindo da Análise do Discurso (FIORIN, 1999), refletir acerca de metamorfoses na poética de Alain Robbe-Grillet, autor célebre por sua participação no *Nouveau Roman*. Discutiremos sua vinculação ao ideário escritural moderno e autotético, ainda que o conjunto da obra permita vislumbrar um adensamento crescente da referencialidade.

**Abstract:** This paper intends, starting with the Analysis of the Discourse (FIORIN, 1999), to reflect about transformations in the Alain Robbe-Grillet's poetic, celebrated author of the *Nouveau Roman*. We analyse his vinculations with the modern writing and her auto-reference, in spite of the entirety of his work, which permits an understanding of a growing referentiality.

**Palavras-chave:** Robbe-Grillet; discurso. Literatura francesa.

**Key words:** Robbe-Grillet. Discourse. French literature.

---

## Introdução

Objeto engendrado no debate crítico do pós-Guerra (1945), o chamado Novo Romance Francês tornou-se célebre por suas intervenções e os conseqüentes desacordos que essas suscitaram. Não obstante, a “Escola do olhar” não constituiu, de fato, um grupo homogêneo: influenciados pelas inovações romanescas que os precederam e mergulhados na “suspeita” diante de um humanismo em crise, os autores vinculados ao “grupo” identificaram-se, sobretudo, nas críticas imputadas a alguns elementos-chave do “romance tradicional”, a saber: a intriga, a personagem e a verossimilhança.

Dentre os que figuraram como “objetivistas”, é pertinente que insistamos em

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte do resultado de pesquisa no PIBIC/CNPq.

<sup>2</sup> Mestrando em Linguística - UFSC.

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas - UEPG.

apenas quatro nomes que, entre idas e vindas, estão sempre relacionados a esse “não-movimento”: Nathalie Sarraute, Claude Simon, Michel Butor e Alain Robbe-Grillet.

Isto posto, este trabalho buscará o entendimento dos textos daquele que, dentre os quatro citados, surge como o mais representativo dessa estética francesa: Alain Robbe-Grillet, que, além de ser o que mais se assemelha à concepção usual de *nouveau romancier*, foi o responsável por boa parte das atenções e polêmicas angariadas no surgimento do “grupo”.

Para tanto, partiremos do entendimento de modernidade literária, deparando-nos com a escritura paradigmática de Flaubert, para quem a literatura nasce “de um gesto significativo do autor” (BARTHES, 1972, p. 126), o que lhe confere o pioneirismo de uma literatura órfica, impossível, cujo labor inaugura a modernidade.

Para Genette (1972), as descrições de Flaubert inaugurariam “silêncios”: partindo daí, a crescente presença do acessório ratificaria o projeto do *livre sur rien* (CHARTIER, 1990), definitiva busca da INTRANSITIVIDADE TOTAL que seria a grande herança flaubertiana: “recusa de expressão que inaugura a experiência literária [grifo meu]” (GENETTE, 1972, p. 230).

As experiências literárias do início do século XX ilustrarão bem a autotelia exigida por Flaubert – pensemos em Proust, Woolf, Joyce, Kafka. Excetuando-se as críticas ferrenhas ao gênero efetuadas por Valéry e os surrealistas, assistiu-se a uma ascensão do romanesco auxiliada pelo aumento do público leitor. Essa ascensão, entretanto, não é a da tendência problematizadora citada – que, de fato, permanece artefato para poucos –, mas de formas cristalizadas:

... la période 1930- 1940 se mostre favorable à une résurgence du roman de type balzacien ou zolien... (MITERRAND, 1996, p. 30)

É no questionamento do futuro de um gênero que parecia condenado à estagnação que surgiria o Novo Romance: já em 1947, Sartre chamará de “anti- romance” *Portrait d'un inconnu*, livro de Nathalie Sarraute do qual fez o prefácio. Não obstante, foram os artigos de Roland Barthes “dans *Critique*, en 1954 et 1955” (DUGAST-PORTES, 2001, p. 15) que colocaram o “grupo” – e sobretudo Robbe-Grillet, elogiadíssimo por sua “literatura objetiva” – definitivamente em evidência no debate literário:

Le Nouveau Roman, loué ou vilipendé, occupe à la fin des années 1950 une PLACE DE PREMIER PLAN DANS LE CERCLE DE L'INSTITUTION LITTÉRAIRE. (DUGAST-PORTES, 2001, p. 23)

Buscando uma transformação do romanesco, o discurso poético de Alain Robbe-Grillet concentrará suas críticas àquele modelo – considerado ultrapassado – de romance, cujos pilares são a linearidade do tempo, a substancialidade das personagens e o apelo à intriga. Invertendo o apelo referencial, o autor pretenderá radicalizar o projeto flaubertiano: a literatura liberta-se de temas e conteúdos para tornar-se auto-reflexa, insistindo no debate de suas próprias condições de existência; nessa perseguição da literaridade, Grillet apresentará sua escritura, para qual encontrar uma maneira de dizer é o único modo de existência:

... loin de le [o leitor] négliger, l'auteur aujourd' hui proclame l'absolu besoin qu'il a de son concours actif, conscient, CRÉATEUR. Ce qu'il lui demande, ce n'est plus de recevoir tout fait un monde achevé, plein, clos sur lui-même, c'est au contraire de participer à une création, d'inventer à son tour l'oeuvre et le monde – et d'apprendre ainsi à inventer sa propre vie.” (ROBBE-GRILLET apud BERSANI, 1982, p. 578).

Entendendo, então, o discurso grilletiano cindido entre uma radicalização do processo moderno de autoreflexividade da literatura e uma invasão temática cuja tendência é de adensamento, buscamos avaliar as metamorfoses possíveis partindo de três textos exemplares de cada período delineado: *La jalousie*, *Projet pour une révolution à New York* e *Os últimos dias de Corinto*<sup>4</sup>.

Para a análise do *corpus* escolhido nos valem sobretudo dos conceitos de Fiorin (1999), em cuja análise do discurso encontramos ferramentas importantes para o esclarecimento das categorias de tempo, pessoa e espaço e as inúmeras possibilidades que a escritura de Robbe-Grillet oferece.

### Autotelia x referencialidade

As análises empreendidas acerca do discurso poético de Alain Robbe-Grillet sugerem sua participação nessa empresa autotélica: tanto nos escritos ficcionais quanto na ensaística, o que se percebe rapidamente é a “militância formal” do novo romancista;

<sup>4</sup> À guisa de resumo: *La Jalousie* é a narrativa de um suposto triângulo amoroso, no qual A ..., a suposta adúltera, faz desconfiar o marido pressuposto por suas atitudes suspeitas com o amigo do casal, Frank; esse CIÚME é antes de tudo um interdito da visão que burla a referencialidade-*Jalousie* = ciúme ou veneziana. *Projet pour une révolution à New York* constrói e reconstrói os itinerários de personagens revolucionárias, fazendo vislumbrar a hipótese de que o fabular seja reflexo de uma narrativa primeira, lida por uma personagem com comprometimentos emocionais (!). Finalmente, *Corinto* é a tentativa auto-biográfica de Grillet, na qual a existência deste é denegada na personagem do Conde de Corinto.

antes de funcionar como veículo de conteúdos, a escritura de Grillet insiste no caráter de MODO. Se, como já afirmamos, há um momento de “relaxamento”, este surgirá prenhe de ambigüidades.

Isto posto, dado o caráter tênue e discutível das transformações ocorridas, nossa hipótese inferiu dois momentos distintos:

**RADICALIZAÇÃO DA INTRANSITIVIDADE:** abrangendo a maior parte dos textos, corresponderia ao período compreendido entre 1953 – data da publicação de *Les gommés* – e 1985 – ano em que aparece “Le miroir qui revient”, primeiro livro de sua auto-intitulada “Nova Autobiografia”. Tal fase estaria aqui representada por *La Jalousie* e *Projet pour une révolution à New York*.

**RE-NARRATIVIZAÇÃO:** etapa da pesquisa autobiográfica, que tenderia a fundir as dicotomias estruturalistas, sobretudo engendrando uma preocupação que pode ser considerada<sup>5</sup> como histórico-concreta, aliada à diminuição do hermetismo angariada com a “ancoragem” pessoal. Neste relatório, o exemplo é *Os últimos dias de Corinto*.

### Uma fenomenologia em *La jalousie*

*La jalousie*, terceiro romance de Robbe-Grillet, faz parte daquilo que Barthes (1970, p.91) definiu como “literatura objetiva”:

...o método de Robbe-Grillet tem algo de mais experimental, visa a um questionamento exaustivo do objeto, do qual se exclui toda derivação lírica. Para reencontrar tal plenitude de tratamento, é preciso ir à pintura moderna, aí observar o tormento de uma destruição racional do objeto clássico. A importância de Robbe-Grillet é que ele atacou o último bastião da arte escrita tradicional: a organização do espaço literário.

A tese objetivista de Barthes coaduna com o intento de retirar a profundidade da escritura de Grillet, sobretudo pelo lugar que tem a visão na construção das obras; o apelo óptico traria uma derrisão substancial dos objetos. Tal impossibilidade adensaria a preocupação escritural. Antes de apontar uma IMPESSOALIDADE, a crítica de Barthes corrompe a noção de personalidade, conferindo-lhe – a partir de Grillet – uma percepção imanente ratificada na “visão”.

Reunindo, então, Grillet e Barthes num objetivismo calcado na descrição visual, para o qual permanece a pessoalidade (problematizada), aproximemos esta da

---

<sup>5</sup> O debate é profícuo e este projeto não tem a pretensão de esgotá-lo.

fenomenologia existencial ao modo de Merleau-Ponty. Iniciemos pela assertiva do próprio autor:

Pendant que la classe burgeoise perdait peu à peu ses justifications et ses prérogatifs, la pensée abandonnait ses fondements essentialistes, la phénoménologie occupait progressivement tout le champ des recherches philosophiques.” (ROBBE-GRILLET, 1963, p. 151).

As assertivas perante a fenomenologia dão-se justamente pela constatação que esta faria da significação do mundo, inferindo-a como parcial e incompleta. Ademais, é duma posição existencial que partirá o Novo Romance, posição defendida por Merleau-Ponty frente a Husserl:

Minha inerência concreta a um corpo – e portanto, através desta SITUAÇÃO, ao mundo – é um fenômeno central em torno do qual deve-se desenrolar a investigação, que conseqüentemente não se orientará tanto para uma perspectiva do tipo transcendental (...) quanto para uma perspectiva ‘existencial’, destinada a iluminar a estrutura de minha relação com o SER do mundo. (BONOMI, 1974, p. 36)

Diferentemente de Husserl, pois, Merleau-Ponty considera a inevitabilidade da presença na datidade do objeto: se o SER é no mundo, essa presença condiciona qualquer constituição; a faticidade não deve ser colocada “entre parênteses”, mas como forma de “realizar a consciência transcendental na EXISTÊNCIA.” (BONOMI, 1974, p. 36)

Trazendo a “exterioridade” fenomenológica-existencial para o âmbito do Novo Romance, explica Nitrini (1987, p.65):

...daí advém o uso sistemático da descrição como o instrumento mais adequado de aproximação da realidade, vale dizer, do objeto, de tudo aquilo que está ante o sujeito num AQUI e num AGORA.

Como metodologia, ainda observemos Husserl, e sua busca essencial:

Por ‘variação eidética’<sup>6</sup> Husserl entende um procedimento de ordem geral encarregado de identificar classes de variantes. Tal procedimento pode ser descrito sumariamente nestes termos: o ponto de partida é constituído por um ou mais dados escolhidos arbitrariamente; vem aplicado a eles um dispositivo que os submete a um conjunto teoricamente ilimitado de variações e que seleciona os resultados

<sup>6</sup> Logicamente, devido à já referida preocupação estrutural, atentaremos para os pontos de contato do estruturalismo com a fenomenologia, cabendo salientar a aproximação vislumbrada entre “variação eidética” e “comutação lingüística”, a última tendo sido pesquisada na “Escola de Praga”.

equivalentes; o ponto de chegada é o 'tipo' abstrato (EIDOS, essência) que inclui os resultados equivalentes. (BONOMI, 1974, p. 164)

Finalmente, voltemo-nos a *La jalousie*.

Quando, acerca do JANTAR, construímos um paradigma de elementos presentes, nossa tentativa voltava-se para a impossibilidade discursiva da narrativa: negando as leis discursivas, *La jalousie* não permitiria a apreensão de um sentido unívoco.

Utilizando-nos, nesse momento, do JANTAR, passemos a investigá-lo a partir da sugestão de que o responsável pela enunciação é o marido "ciumento", "narrador autodiegético que seria o responsável pelo dizer da narrativa". Daí surgirá nossa hipótese fenomenológica.

A insistência da narrativa no tempo presente, pode ser aproximada da concepção temporal heideggeriana, a saber: busca da autenticidade na imanência da atualidade, cuja existência traria em si o já – dado (passado) e o projeto (futuro). Encontramos resquícios de tais afirmações também em Merleau-Ponty, para quem, segundo Lyotard (1967, p. 98):

Poder-se-ia dizer que a consciência intencionaliza agora o ISTO de que ela é consciência segundo o modo de não-mais, ou segundo o modo do ainda, ou finalmente o modo da presença.

Destarte, da mesma forma que em Heidegger, o tempo em Ponty seria a experiência de projetar-se no futuro, buscando-se no passado e atualizando-se no presente; a presentidade, contudo, não seria mero AGORA: este encontrar-se-ia num durante, sincretismo entre o "não-mais" e o "ainda".

Conferindo à análise da terceira obra de Grillet tal perspectiva, inferimos do tempo a existência da consciência ordenadora do "ciumento", para a qual o mundo dá-se enquanto intenção. Desta maneira, as incursões perpetuadas sobre o JANTAR, modificando-o, destruindo-o, acrescentando-lhe ou destituindo-lhe elementos, seriam prováveis resultantes duma redução eidética do objeto, aduzida segundo um ente cuja percepção estaria calcada na experiência temporal inerente.

Voltando-nos à sistematicidade das descrições, característica fundamental da fase objetivista de *La jalousie*, leiamos, ainda, acerca do emergir do objeto para a consciência em Merleau-Ponty:

O objeto emerge, pois, de uma estruturação inconsciente que se desenvolve na temporalidade, toda COISA percebida pressupõe uma sedimentação [grifo meu] de

atos perceptíveis que permanecem em estado de latência, justamente pelo fato de eu ter na minha frente esta coisa e não sua gênese perspectiva(...) O inconsciente não é só o passado, mas também o próprio PRESENTE, na medida que é nele que toda apreensão perceptiva se liga às outras, ou mais precisamente **o inconsciente é, em certo sentido, a própria temporalidade como fenômeno originário da estruturação.** (BONOMI, 1974, p. 58)

Para essa fenomenologia, então, o objeto surgiria pela necessidade essencial da intencionalidade do ente, em busca de minorar a incompletude da percepção; esta, ancorada no tempo, forma inerente de existência, dar-se-ia no sincretismo passado-presente-futuro que permitiria a tentativa de acabamento; incluída nessa problemática, a variação eidética traria o vislumbre essencialista, assegurado pela permanência de caracteres essenciais do objeto no dar-se.

Se, então, partirmos da consciência do “ciumento” na construção da narrativa, devemos enfrentá-la segundo uma “subjetividade” que, apesar de já - no - mundo, é nuclear na constituição:

...o problema da redução é, em última instância, o problema da CONSTITUIÇÃO. O núcleo fundamental a que deve ser reconduzida toda investigação fenomenológica é, portanto, o eu transcendental, como ‘momento estrutural de todas as COGITATIONES’<sup>7</sup>, como centro funcional de toda constituição. (BONOMI, 1974, p. 33-34)

Concluamos, *a priori*, um diferencial da fase objetivista perante as demais: insistência num mundo povoado de objetos, para o qual a enunciação desenvolve toda sorte de modos de apreensão, fazendo inferir uma redução em busca dum EIDOS dos fatos, projeto similar ao da fenomenologia; em “La jalousie”, a (pres)suposta existência dum narrador autodiegético ratificaria o debate acerca da constituição existencial, por conseguinte centrada na subjetividade do “ciumento”.

### Ascensão estrutural: *Projet pour une révolution à New York*

Se o discurso de Alain Robbe-Grillet traz marcas (possíveis) de uma *epistème* “fenomenológica”, devemos perscrutar em que medida esta junta-se à “estruturalista”, para, finalmente, traçarmos pontos de contato e distinção entre as duas posições.

---

<sup>7</sup> Husserl apud Bonomi (1974).

Tendo em vista a aproximação entre o Novo Romance e o estruturalismo, chegando mesmo a ter sido classificado como “tradução poética” do método (DUGAST-PORTES, 2001) e, além disso, a função axiomática que o segundo tem no erigir da fase “formalista” de Grillet, investiguemos alguns tópicos a fim de trazer à luz implicações destes em PRNI<sup>8</sup>.

Intentando uma gênese do movimento estrutural, encontraríamos no “Curso de Linguística Geral”, obra póstuma de Ferdinand de Saussure e na Antropologia Social de Claude Lévi-Strauss (que discutiu, ampliou e expandiu os domínios do estruturalismo além da lingüística) suas formulações mais célebres, quais sejam: dicotomias *langue* x *parole*, sincronia x diacronia; noção de “valor” entendida negativamente, e não como positividade inerente à coisa<sup>9</sup>. O amálgama dessas noções estaria naquela de “estrutura”; de acordo com Benveniste (1991, p. 104)<sup>10</sup>, em Saussure:

O princípio fundamental é que a língua constitui um sistema do qual todas as partes são unidas por uma relação de solidariedade e dependência; (...) A doutrina estruturalista ensina a predominância do sistema sobre os elementos, visa a destacar a estrutura do sistema através das relações dos elementos...

A estrutura do sistema residiria justamente na dependência interna de seus elementos.

Conforme Hall (1999), o estruturalismo foi um dos responsáveis pelo que ele chama de “descentramento do sujeito”. Para o autor, tanto a língua como instituição social – que não permite que sejamos, jamais, seus autores –, quanto a noção de valor, “na língua só há diferenças” (SAUSSURE, 1972, p. 139) vão engendrar as futuras polêmicas da identidade pós-moderna.

Ao tomarmos o PRNI, é mister que, novamente, dividamos nossa análise seguindo a dicotomia SIMBOLIZAÇÃO X FORMALIZAÇÃO. O objetivo é averiguar o modo pelo qual a segunda suplanta a primeira que, no caso do “Projet...” sequer oferece uma leitura essencialista provável.

Duma perspectiva simbólica, atentemos para os recortes:

---

<sup>8</sup> PRNI: *Projeto para uma revolução em Nova Iorque*.

<sup>9</sup> Limitaremos a enumeração e discussão estrutural à medida de nossas necessidades para o entendimento de PRNI.

<sup>10</sup> Assim como BENVENISTE, É., também JACKOBSON, R. e TRUBETZKOY foram importantes articuladores e polemistas do estruturalismo, exercendo influência capital na teoria de Lévi-Strauss.



A violação, o assassinato, o incêndio são os três atos metafóricos que libertarão os negros proletários em frangalhos e os trabalhadores intelectuais de sua escravidão, ao mesmo tempo que a burguesia de seus complexos sexuais... (PRNI, p. 99)

Poderíamos, então, inferir uma posição pós-moderna engendrada na discussão do texto de Grillet, posição essa que exprime a desconfiança em relação às metanarrativas – no caso citado, repetamos, marxista e psicanalítica – e, sobretudo, a desolação da intelectualidade do pós-guerra, abalada pelas conseqüências do projeto racionalista-humanista que, totalitário, estaria na gênese do fascismo<sup>11</sup>:

A essência do iluminismo é a alternativa cuja inevitabilidade é a dominação. Os homens sempre tiveram que escolher entre sua própria submissão à natureza e a da natureza ao si-mesmo. (ADORNO, 1991, p.23)

Na poética grilletiana em PRNI – e nessa fase “formalista” – não restarão, porém, sequer as promessas libertárias da psicanálise; em PRNI, não é a sexualidade autenticadora que emerge, mas o estereótipo cultural que dela surgiu. Dessa posição, entendemos que a alternativa simbólica mostra-se insustentável, visto que qualquer debate “exterior” inserido no texto *NEGAA PROFUNDIDADE*, versa sobre *SIMULACROS*. O que resta, pois, é o hermetismo da “radicalização autotélica”.

Intransitivo, o discurso de Grillet em PRNI, utiliza-se do “método estrutural” para interferir na problemática actancial, adensando a formalização de sua escritura. Ampliemos nossa análise das duas categorias.

Diante da enunciação de PRNI, vimos anteriormente que há bifurcação: ora temos narração heterodiegética neutra (debreagem enunciva), ora homodiegética centrada no ator (debreagem enunciativa). Quantitativamente, as constantes denegações dificultam o estabelecimento de uma perspectiva narrativa mais abrangente. Entretanto, a debreagem actancial enunciativa do enunciado (FIORIN, 1999) poderia sugerir outros sentidos; observemos:

Estou quase fechando a porta atrás de mim... (PRNI, p. 1)

Como em *La jalousie*, uma leitura fenomenológica seria suscitada. Tal sentido não se mantém, dado que, como já se viu, PRNI engendra-se a partir da “falsificação”; as personagens, tanto duplicam-se quanto têm a capacidade de surgirem como observadores das cenas. Concebidas como “personagens-signo” (NITRINI, 1987), não lhes é per-

<sup>11</sup> É certo que a interpretação de Adorno (1991) é discutível; utilizamos, porém, sua crítica fundamental ao Iluminismo, representativa por constar no interior do próprio marxismo.

mitido funcionar enquanto núcleo de significações, mas somente como “merismas”, traços distintivos desprovidos de existência isolada.

Essa espacialização está comprometida com a discrepância na ordem temporal de PRNI: a sincronia absoluta. Vimos que *La jalousie* estabelece o presente, da mesma forma (a ponto de 4 dos 7 capítulos começarem com a palavra AGORA). Contudo, no “Projet...”, segundo estabelecemos, não há perspectiva de associação entre o tempo e um actante que, minando a presenteidade, revelaria – a imersa no “passado-futuro”.

Se, como antes afirmamos, PRNI impossibilita o essencialismo de uma “consciência-tempo”, acreditamos que o faz justamente em nome do projeto autotélico, que então aproximar-se-ia definitivamente do estruturalismo e sua preocupação imanente no entendimento do objeto:

Fazer o estudo imanente de um objeto significa... que o sistema será descrito em termos relacionais. Onde a experiência comum não reconhece senão eventos e ‘coisas’, a análise estruturalista descreverá redes de relações – onde as relações precedem os termos. O objeto mesmo, e suas diferentes partes, somente aparecerão como intersecção de feixes de relações. (RUWET apud LIMA, 1968, p. 82)

A conclusão de um método escritural que emergiria do estruturalismo, ou melhor, que utilizaria o método estruturalista, esclarece-se pela aquiescência do discurso à ordem sincrônica, e, através da falsificação actancial, de um voltar-se à ordem da estrutura, do abstrato. Se o devir – que podemos enquadrar na ordem do evento, e, portanto, da parole – não pode ser ordenado, também os atores estão dessubstancializados, exercendo uma função pelo valor negativo.

Isto posto, é mister ratificarmos a referencialidade, em PRNI, impraticável. Urdindo a narrativa com elementos da cultura de massa, Robbe-Grillet veda a mímese externa para radicalizar a interna. Da negação duma fenomenologia existencial, o que o autor sugere é uma fenomenologia da própria literatura: abaulando seus elementos canônicos (fábula, atores, tempo), procura o EIDOS, a literariedade através do jogo.

## Unidade na diversidade

Acerca da matéria-prima dos romances de Grillet, tirada da indústria cultural e sem pretensões de dignidade filosófica, Jamenson (1997, p. 152) afirma:

Opós-modernismo ...trocou a temporalidade pelo espaço e se tomou cada vez mais cético a respeito de experiências fenomenológicas profundas em geral e do próprio

conceito de percepção em particular (...). Nesse aspecto, os manifestos de Robbe-Grillet podem ser lidos menos como uma afirmação da preeminência do visível sobre os outros sentidos do que como um repúdio radical da percepção fenomenológica enquanto tal.

Como indicamos, de forma sub-reptícia, há uma espécie de problematização “socialmente” pós-moderna em Robbe-Grillet; em *La jalousie*, esta constaria pois há uma clara alusão a personagens e situações congeladas de um típico triângulo amoroso romanesco, corroborada na escassez de diálogos e ações estereotipadas. Assim, o sentido que prevalece é o da auto-referencialidade, em detrimento da fenomenologia existencial que, impraticável porque falseada, apareceria somente pela constituição polissêmica do texto.

No entanto, o paradoxo constitutivo de Grillet reside no fato de, ao lado de um discurso pretensamente anti-moderno, conviver com este e ultrapassá-lo um essencialismo ainda moderno. Sob esse ângulo, é necessário que discordemos de JAMENSON (1997): a profundidade negada ao entendimento humanista do indivíduo é reivindicada para justificar a escritura de Robbe-Grillet. A fragilidade referencial-existencial é inversamente proporcional ao erigir da literaridade cada vez mais purista.

É sob tal prisma que entendemos a afirmação do autor:

L'écrivain doit accepter avec orgueil de porter sa propre date, cachant qu'il n'y a pas de chef-d'oeuvres dans l'histoire; et qu'elles ne se survivent que dans la mesure où elles le passé, et annoncé l'avenir. (ROBBE-GRILLET, 1963, p. 11)

A evolução é, pois, admitida no projeto escritural. Isso afirmaria a pertença de *La jalousie* e PRNI (bem como da obra compreendida entre 1953 e 1985) a um mesmo período, a saber: crescente intransitividade calcada num devir reformador, que pretende “transformar” a literatura e não extingui-la.

### Ainda uma pós-modernidade

O segundo período do discurso poético de Grillet estaria representado, como observou-se, pela sua empresa autobiográfica. Nesta fase, concordamos em afirmar uma RE-NARRATIVIZAÇÃO, a partir da qual uma diacronia (ligada a uma pretensa *parole*) seria inexorável, devido, sobretudo, às insistentes “ancoragens” realizadas pela narrativa – nesse caso, de *Os últimos dias de Corinto*.

A importância da ANCORAGEM como elemento de inclusão referencial é

descrita por BARROS (1990, p. 60):

Trata-se de atar o discurso a pessoas, espaços e datas que o receptor reconhece como 'reais' ou 'existentes', pelo procedimento semântico que concretiza cada vez mais os atores, os espaços e o tempo do discurso, preenchendo-os com traços sensoriais que os 'iconizam'...

Entendemos, pois, que ANCORAR o discurso é figurativizá-lo de modo que, com a iconização, o efeito de sentido de realidade seja estabelecido, este fazer-criar estando calcado num contrato de regulamentação.

Segundo tal procedimento, "...Corinto" carregaria a premissa referencial que Lejeune (1973, p. 138) exigia para a construção do "pacto autobiográfico": "*dentité de l'auteur (dont le nom renvoie à une personne réelle) et du narrateur.*"

A discussão que o texto sugere, entretanto, inviabiliza a exterioridade: as embreagens ocorridas dissolvem a identidade do autor, fazendo lembrar a problemática pós-estrutural da pessoa como centro do sentido. Conforme indica Barthes apud Hutcheon (1991, p. 106-107):

O autor é uma figura moderna, um produto de nossa sociedade na medida em que, tendo surgido da Idade Média com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, revelou o prestígio do indivíduo(...) Portanto, é lógico que, na literatura, tenha sido o positivismo, síntese e auge da ideologia capitalista, que mais atribuiu importância à 'pessoa' do autor.

Destarte, negando, no discurso, a alusão externa de um ser doador de sentido, acreditamos que Robbe-Grillet alia-se àquele discurso "socialmente" – como insistimos antes em destacar – pós-modernizante, que, retirando da linguagem sua neutralidade e contextualizando a situação enunciativa, acaba por destituí-la de sua vocação de transmissora (purista) de pensamento.

Esteticamente, contudo, a autobiografia de Grillet apresenta-se sob a égide implacável de seu projeto já tão citado: a auto-referencialidade, a redução eidética da literaridade. Investiguemo-la.

Varga (1990) considerou a "Nova Autobiografia" partindo de uma cisão com o estruturalismo, aliada à intrusão de elementos referenciais e conseqüente RENARRATIVIZAÇÃO e legibilidade. Se, porém, inferimos no texto a senilidade do apelo referencial que, mais que verossímil, surge como jogo de desconstrução do real – no caso, do "princípio de autoria" (FOUCAULT, 1996) – deveremos apartar-nos desse entendimento formalmente pós-moderno de UDC.

A fim de esclarecermos uma posição, comecemos pelas considerações de Hutcheon (1991, p. 67):

O pós-modernismo contesta alguns aspectos do dogma modernista: seu conceito sobre a autonomia da arte e a deliberada separação entre arte e vida; sua expressão da subjetividade individual; seu STATUS adverso em face a cultura de massa e a vida burguesa.

Pudemos apontar, em toda trajetória grilletiana, o aporte tanto da cultura paraliterária (= de massa) quanto da discussão antropocêntrica (= expressividade individual). Conferindo a estas, todavia, um papel “contaminador” do hermetismo, inferimos sua incapacidade de tematização. Permanecendo com HUTCHEON (1991, p. 65): “*o pós-modernismo ultrapassa a auto-referencialidade para situar o discurso num contexto mais amplo.*”

Analisando os escritos de Robbe-Grillet, não encontramos uma refutação dessa auto-reflexividade; o que há é uma perenidade no tratamento da escritura, sob a égide daquela “autonomia” e deliberada “separação” da exterioridade. Por conseguinte, nossa reflexão final prevê a antinomia moderno x pós-moderno, constituída de uma claudicante referencialidade que, amiúde, auxilia no entendimento da intocada escritura moderna do autor.

### Considerações finais

Chegado o momento final, podemos avaliar que, na poética de Alain Robbe-Grillet, ainda que possamos encontrar manifestações de vários discursos, o que se dá é a manutenção do ideário autotélico, correspondente a autonomização da literatura moderna.

Assim, desde o instante em que buscamos diferenciar o Novo Romance daquele dito “tradicional”, até o confronto das obras precedentemente analisadas, o que inferimos é uma diversidade de sentidos possíveis, responsável pelas discussões intermináveis que os textos podem suscitar.

Se nossa conclusão confere à intransitividade o papel axial, acreditamos que as bifurcações engendradas pelo apelo referencial – ainda que constantemente burlado – trazem à obra as marcas de uma época cindida, que colocava sob suspeita seus mitos e, ao mesmo tempo, temia os resultados da destruição.

Fenômeno talvez derradeiro da “alta literatura”, o Novo Romance teve que conviver, passada sua ascensão, com as inúmeras manifestações de dessacralização da arte, de miscelânea do romance com a exterioridade. Daí adviriam as biografias de muitos de seus “integrantes”, tentativa de absorção de uma poética pós-estrutural.

No caso de Grillet, pudemos vislumbrar uma tentativa frustrada, ou deliberadamente frustrada: o projeto do autor, cujo apogeu poderia ser entrevisto em *Projet pour une révolution à New York*, continua pungente no relato pessoal de *Os últimos dias de Corinto*.

A mitologia presente nesse último remeteria àquela cara ao escritor: a de uma literatura intransitiva, auto-reflexão ainda não abandonada por sua escritura.

## Referências

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Conceito de Iluminismo; Teoria tradicional e teoria crítica; Filosofia e teoria crítica; O fetichismo na música; Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã*. 5. ed. Trad.: Zeljco Loparici et al. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- BARTHES, Roland. *Novos ensaios críticos seguidos de O grau zero da escritura*. 2. ed. Trad.: Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e verdade*. Trad.: Leyla Perrone- Moysés. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. 3. ed. Trad.: Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas, São Paulo: Pontes: Editora da UNICAMP, 1991.
- BERSANI, J; AUTRAND,M; LACARME,J; VERCIER,B. *La littérature en France de 1945 à 1968*. Paris: Bordas, 1982.
- BONOMI, Andrea. *Fenomenologia e estruturalismo*. Trad.: João Paulo Monteiro et al. São Paulo: perspectiva, 1974.
- CHARTIER, Pierre. *Introduction aux grandes théories du roman*. Paris: Bordas, 1990.
- DUGAST-PORTES, Francine. *Le Nouveau Roman: une césure dans l’histoire du récit*. Paris: Nathan, 2001.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

- GENETTE, Gerard. *Figuras*. Trad.: Ivone Florpes Montoanelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós- modernidade*. 3. ed. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guarcia Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós modernismo: história, teoria, ficção*. Trad.: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAMENSON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2. ed. Trad.: Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1997.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique. Poétique*. Paris, 56: 416-434, nov. 1973.
- LIMA, Luiz Costa (org). *O estruturalismo de Lévi- Strauss*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- LYOTARD, Jean-François. *A fenomenologia*. Trad.: Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Difusões Européias do Livro, 1967.
- MITERRAND, Henri. *La littérature française du XX siècle*. Paris: Nathan, 1996.
- NITRINI, Sandra. *Poéticas em confronto: Nove, novena e o novo romance*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-memória, 1987.
- ROBBE-GRILLET, Alain. *O ciúme*. Trad.: Waltensir Dutra. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Os últimos dias de Corinto*. Trad.: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pour un nouveau roman*. Paris: Les Editions de Minuit, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Projeto para uma revolução em Nova Iorque*. Trad.: Lausimar Laus. Rio de Janeiro: Americana, 1974.
- VARGA, Kibédi A. Le récit postmoderne. *Littérature*. Paris, 77: 3-22, 1990.

Recebido para publicação em 25 de janeiro de 2007.

Aceito para publicação em 10 de março de 2007.